

## Mais de 1 milhão ainda em extrema pobreza

(Não Assinado)

Maria Lúcia Santana, 37 anos, e seu filho Pedro, de 8, sabem muito bem o que é passar fome na vida. Mas o filho caçula, Mateus, de 4 anos, não. A família Santana faz parte de uma grande parcela da população paraense que conseguiu cruzar a linha da extrema pobreza nos últimos cinco anos. De acordo com a Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) o percentual de pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 137 por mês caiu no Pará 51,78%. Não foi o melhor índice do país (Amapá diminuiu 65,09%), mas foi bem acima da média nacional, estimada em 43,03%.

Em 2003, a classe E, como é classificada esta faixa de renda, abrangia 36,86% da população paraense, mas no ano passado este percentual ficou em 16,14%. Ainda assim, a pobreza ainda é grande: são mais de 1,1 milhão de pessoas nesta situação.

Para escapar da vida de miséria, Maria Lúcia teve que dar uma grande virada. Minha vida melhorou muito nos últimos cinco anos, me separei do meu marido, que mais me dava prejuízo do que apoio, comecei a trabalhar, meus filhos estão estudando e consegui conquistar muitas coisas. Já passei fome na vida, mas hoje tenho o que comer, diz com orgulho.

A vida continua difícil. Afinal, a família sobrevive hoje com uma média de R\$ 500 (destes, R\$ 120 vêm do programa Bolsa-Família e o restante das vendas de roupas que Maria Lúcia comercializa de porta em porta, em uma casa no bairro do Tapanã, mas pelo menos o básico na geladeira não falta. Graças a Deus, agora tem comida em casa. Passei a comer mais peixe, arroz, carne, porque uso o dinheiro da bolsa das crianças principalmente para melhorar a alimentação delas. Também pude colocar meus filhos na escola, porque antigamente vaga nas creches era mais difícil, disse.

## DESIGUALDADE

Este comportamento é reflexo de outro dado ainda mais animador. A desigualdade social no Brasil vem diminuindo entre 2001 e 2008. A pesquisa da FGV mostra que a renda acumulada dos 10% mais pobres da população brasileira cresceu 49,25% no período, patamar mais de sete vezes superior ao aumento da renda acumulada no período entre os 10% mais ricos da população (6,70%).

Da mesma forma que a década de 90 foi a década da conquista da estabilidade, a de 80 a da redemocratização e a de 1970 a do crescimento, não há na história brasileira, estatisticamente documentado, nada similar à redução da desigualdade observada desde 2001: crescemos um terço do crescimento dos anos 70, mas reduzimos mais a pobreza na década atual, afirma o pesquisador Marcelo Neri, no estudo Atlas do Bolso Brasileiro, da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Nos últimos cinco anos, o índice Gini, que mede a desigualdade, caiu 5,9% em todo país. Saindo de 0,5830 para 0,5486, em 2008. Na região Norte, este percentual de redução no período ficou em -6,4%, enquanto que o Pará caminhou num ritmo mais lento, acumulando -5,09%, fechando 2008 em 0,52%. (I. C.)